



Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira

Editor—Julio de J. Giesteira Lima

Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA

Anno, sem estampilha 85000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com

estampilha e para fóra 105000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 305000 rs.

Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

ANNUNCIOS

Judiciaes: linha ou esp. de linha 80 c. Repetição, 70 c.—Comun. ou re-

clames, linha 25 c. Imposto do sello, cada publicação, 15 c. — Auuncios

particulares: linha 50 c. Reclames a obras literarias med. um exemp. Não se restituem originaes.

REDACCAO DO ESPOZENDE

O sr. ministro do Trabalho acaba de distribuir um bôdo de 274.000.000 a varias Camaras Municipaes e Juntas de Freguezias para obras de salubridade.

Foram em numero de 88 os contemplados não figurando nessa pomposa lista a nossa Camara ou qualquer Junta deste concelho.

Não teriamos nós direito a ser contemplados?!

Pois quem como esta vila que não possui agua potavel para consumo publico, a qual está condenada ha muitos anos; não tem luz, não ha a verdadeira limpeza e aceio, falta uma cadeia e tem as suas escolas a cair, e tantas outras obras necessarias.

Porque seria?

Não sabemos, mas quêr-nos parecer que os politicos d'aqui não tresmalham e por isso elles nem de nós se lembram para nada.

*

Quadro triste

Conta o «Primeiro de Janeiro» importante diario do norte do paiz uma noticia dolorosa succedida em Vila Real. Um homem, um ser humano, um pobre talvez, ou um pai, quem sabe? foi atacado da horrivel rabia por antes ter sido mordido por cão danado! Na furia da sua dôr mordeu outras pessoas, que a estas horas estão sujeitas á mesma desgraça, quer se sujeitem ou não ao tratamento dos Institutos rabicos.

A vitima talvez tivesse familia que ficou sem o seu amparo!

Talvez tivesse filhos, que ficaram sem pão!

Mas que tem isso diante do prazer da posse dum rateiro, dum escaramujo, dum apalpa canelas, que só servem para isto?

Os filhos, que a vitima tinha, que comam o granito das serras de Trás-os-Montes, e a restante familia, que lastime sempre com saudade a perda dum ente querido, que o desprezo da lei e a teimosia dos donos de

Por terras de S. Gregorio

O FILHO DA TIA CAETANA

Por terras de San-Gregório, no termo de Melgaço desciamos a ingreme ladeira, bordejada de boas casas e espigueiros recheados de pão a caminho da pontelha sobre o Trancoso, no ponto mais setentrional da terra portugueza.

Do lado de lá, Ponte várzea—povoação galega que se alcandora na riba, aquecendo-se ao sol numa volupia de gata, disfrutando apetecido solheiro. De cá o monte enorme, cortado a pique, mal deixa o sol entrever-se por entre a verdura macia dos castanheiros.

No inverno então, nasce e desaparece no ocaso, sem que nenhum dos habitantes da *Rua Verde* o enxarguem!

Rua verde é toda aquela ribanceira,—lá o diz a placa.

Eu admirava a beleza selvática da paisagem—via-a com os olhos prescruadorês—a alma a irradiar nos longes, o espirito a galgar as ásperas montanhas da Galiza fronteiriça, na ânsia de assimilar de momento, toda a grande beleza que me circundava.

Senão quando uma mulher—uma pobre raiana de boas feições se nos dirigiu, confiante, sorridente:

—Qual de vocês é o filho da tia Caetana?

Abstrato na contemplação do grandioso quadro, quasi não prestei atenção á pergunta, mas o Dr. Alvaro Souto, desmaliçado, sempre bom rapaz, desenganou logo a creatura:

—Nenhum.

E passou adeante.

Desconfiada de que, dizendo-lhe a verdade mentiam, a mulher foi juntar-se a outra falazando, apontando a dêdo, comentando... Depois quando eu, junto á fonte, colhia uns apontamentos, dirigiram-se a mim, num musganho:

—Ó senhor! diga, diga... É aquele gordo, pois é?

Então eu, a meia voz, não fosse ele ouvir, confidenciei que sim, mas que era seu desejo passar incognito entre o povo, que se não daria a conhecer. Desgostos de familia, compreendia-se.

E segui. Elas ficaram-se em comentarios: se a pobre velha fosse viva, se não tivesse enlouquecido...

Artur Barros Lima que era o chefe da caravana, estava já então, com os outros, sobre a fontesinha, fazendo *blagues*, rindo naquê *Finis-terra*, naquê cabo do mundo de Portugal...

Dois guardas fiscaes, amaveis, atenciosos, prestavam informações. Alvaro e Carvalho foram pôr o pé em Espanha, para poderem dizer na terra que já lá tinham ido...

Os pretenciosos...

Devo dizer que nessa ocasião, duas galeguitas gentis passavam sorridentes, por ventura a admirar a beleza apolinea do Dr. Souto:

—Que guapo que és portuguesito...

Alvaro sorria-se desvanecido á idéa de um casamento em Espanha. Já no Pêso, Barros Lima quiz armar em San Gonçalo casamento, atirando-o para os braços duma nutrida matrona com diabetes e vinte mil contos...

Enfim tambem eu fui pôr um pé em Espanha e confesso que o fermento duma nostalgia se manifestou á idéa, que Deus leve, de ter de abandonar a pátria, numa conjuntura apropriada.

Na minha frente, num covilsito que lembrava um casinhoto de cão de quinta—um carabiniro, perna por'qui, perna por'li, dolmar desabotoado, quasi descalço e desarmado, refaslelava-se num banco! Tinha um perfil original este homem do fisco, que me fez pensar

cães á solta fizeram morrer no meio das mais cruciantes dores!

A nossa Guarda Republicana tem proibido o grande abuso de se andar com cães nos montes no tempo de criação da caça. A medida é acertada, e só se ha a louvar a simpatica corporação pelo seu cuidado pelo cumprimento da lei.

Mas a vadição de cães sem açamo tambem é contra a lei.

A sua acção no corte deste abuso seria de alcance extraordinario.

E' preciso pôr còbro a êste espectáculo que nos envergonha. A vila parece um canil.

O padre Barros de Cabeceiras de Basto se aqui vivesse, ficaria estacado a cada passo que desse, á espera que a canzoada passasse.

Proceda-se com energia, e não se olhe a pedidos de ninguém.

Já é tempo.

*

Linha ferrea do Valle do Cavado

O «Primeiro de Janeiro», do Porto, de 7 do corrente, em carta de Braga, datada de 5, comunica-nos o seguinte:

«Chegã-nos a informação de haver sido assinada no Porto a escritura da constituição da Empresa Construtora da Linha Ferrea do Valle do Cavado, tendo seu inicio, como é sabido, na Povoã do Varzim, passando por Espozende, Barcelos e Brãga, para ir terminar em Guimarães.

«O capital subscrito, segundo nos contam, assegura já o principio das obras até Espozende, sendo de crêr que os restantes fundos sejam arranjados em França, atento o entusiasmo que, pela obra, estão possuidos um nucleo de financeiros daquê paiz.

«Só umas pequenas formalidades obstarã a que um grupo francez não entrasse logo na escritura assinada naquê cidade do Porto.»

Na ultima 6.^a-feira, da se-

mana passada, esteve entre nós, o snr. Francisco de Souza Magalhães, concessionario, engenheiro Sebastião Costa e outros cavalheiros, avistando-se o primeiro com o snr. presidente da Camara com o fim de o elucidar a respeito dos primeiros trabalhos da linha ferrêa, que segundo cremos, terão inicio na Povoá de Varzim no dia 20 do corrente.

Ha pois, todas as probabilidades do bom exito desta Empreza.

*

Dr. Artur de Barros Lima

Para Melgaço, a fazer a sua cura de aguas, partiu na quarta-feira, 3 do corrente, o nosso presado amigo snr. Dr. Artur de Barros Lima. Acompanhará sua ex.^a até áquella instancia, os também nossos amigos snrs. Dr. Alvaro do Vale Souto e Manoel Boaventura.

E' deste nosso amigo a magnifica crónica que noutro lugar publicamos pintando um trecho de paisagem e relatando um curioso episodio, o que mais uma vez mostra as suas faculdades de bom observador e a confirmação de quanto é illustre e maleável a sua pena.

Os snrs. Dr. Souto e Manoel Boaventura já regressaram.

O snr. Dr. Barros Lima deve demorar pelo Alto Minho 12 ou 15 dias.

*

Tambem está em Melgaço fazendo uso das famosas aguas, o snr. A. Carvalho, de Fão.

*

QUERUBIM EVANGELISTA

Tomou posse na passada 6.^a feira, 5 do corrente, do cargo de Secretario de Finanças deste concelho, o nosso presado amigo e conterraneo, snr. Querubim Evangelista da Silva, que ácerca de ano e meio dirigia aquella repartição.

O snr. Evangelista, além de ser duma delicadeza e atenciosidade captivante, é também um funcionário muito inteligente e sabedor.

Certos estamos que a repartição de Finanças está entregue a quem modelarmente a sabe dirigir.

A' posse assistiu tudo quanto ha de mais distinto nesta terra, prestando-se assim ao nosso illustre conterraneo uma manifestação de simpatia, grandemente justa.

A' noite, na casa de sua familia, em Fão, foi servida uma magnifica ceia volante a grande numero de seus amigos, que correu animada. S. ex.^a foi apreciado em brindes muito affectuosos.

Com o nosso abraço de parabens, vai o desejo de que, por muitos anos, s. ex.^a dirija a Secretaria de Finanças.

nas possibilidades de certeza, que se poderiam attribuir ás hipóteses de Lamark e Darwim.

Depois porque o tempo corria célere e as horas do almoço pesavam sobre o estomago—iniciamos o regresso, subindo a ingreme calçada, binoculando, *nuestras hermanas*, que se debruçavam curiosas nos varandins, das casas da outra banda.

E que guapas que eram!

O Alvaro estasiava-se: achava-as até melhor que a paisagem. . . A's portas juntava se mulhierio, falazando, apontando-nos a dedo, os olhos febris de curiosidade:

—É ele, é!

—Como está gordo, benza-o Deus!

—E bonito!

Todas estas creaturas, possuidas do prazer do erro, se deleitavam na suposição de terem encontrado o lendário filho da tia Caetana, que ha um ano se escondia nas cercanias de San-Gregorio.

O excelente Arthur intrigado com aquella curiosidade, contou que no ano passado o tinham já confundido com um rapaz dali, que fôra ao Brazil e regressara rico; mas que por desgostos intimos, por saber que a mãe enlouquecera e morrera de pasmo, ao sabêlo chegado—jamais quizera calcar o torrão onde decorrera a sua infancia.

Já nesta altura uma excelente rapariga se atravancava deante dele—um sorriso amigo aceso nos lábios, saracoteando as nádegas, num desafio sensual:

—Olha! Olha! Sabem quem é? O filho da tia Caetana. . .

E ficou-se muito ancha da sua descoberta.

—Que gordo!

—Que lindo está!

Arthur já elucidado—dizia que não, a fingir que sim, e voltava-se para mim numa censura quasi indignado:

—Oh! meu amigo, na que você me meteul! E agora?

A todas as portas, nas janelas, nas typicas varandas corridas, apareciam rostos de mulheres, de raparigas gentis, a admirar o garbo e a rotemdidade do *filho da tia Caetana!*

Estarrecido, remorçado, eu contemplava a minha obra—enquanto que o pobre Arthur ia sendo vitima dum beijo, que uma velhota sebenta, remelosa, a pupila do olho direito estourada, pela negrura eterna duma belida,—premeditou prespegar-lhe na bochecha gorda, que a *gillete*, uma hora antes brunira a preceito. . .

Dois passos adiante, á porta da loja, uma gentil caixeirinha, de longa trança pendente, sorria também; e o bom do Artur numa supplica muda, pediu á velhota que premeditara o atentado que passasse procuração áquella linda rapariga—com plenos poderes para o beijocar as vezes que quizesse. . .

San-Gregório, 4-6-25.

Manoel Boaventura.

*

DEFEITO ANTIGO

O relógio municipal volta de vez em quando a não regular como era para desejar. Ou se atrasa ou se adianta, parece que anda a dedo.

E' que burro velho não toma andadura.

*

Socorros a Naufragos

Alguns socios d'aquella colectividade lembram-nos para chamar a atenção da direcção desta casa para o cumprimento do estatuto na parte referente á eleição dos corpos gerente da mesma, que ha anos se não efectua. Ahi fica o pedido.

*

Fonte publica

Ainda bem que as nossas palavras neste lugar a respeito da fonte publica foram ouvidas, deitando o fontenario já bastante agua. Mas isso não basta; é necessario que as reparações nos canos sejam duradouras para que amanhã não falte a agua de vez.

*

Escola R. Sampaio

Nesta escola procedem-se a varios reparos, como vidros nas janelas, telhados, etc., o que se tornava de urgente necessidade.

Ainda bem que fomos atendidos nos nossos reparos a tal respeito.

Falecimento

Na ultima segunda-feira, depois de uma prolongada enfermidade, faleceu no lugar da Ombra, desta vila, a snr.^a Julia Martins da Costa, mais vulgarmente conhecida pela «Tarria», dando-se á sepultura na terça-feira, pelas 11 horas da manhã.

Paz á sua alma, e a todos os seus o nosso cartão de sentidos pezames.

*

AS CARNES

Parece que a nossa edelidade tomou em consideração as nossas ultimas queixas referentes aos preços porque se estavam vendendo as carnes verdes nesta vila e concelho.

No entanto o preço que nos dizem ter-se estabelecido de accordo com os srs. magarefes ainda

está longe de ser aceite pela bolsa magra do contribuinte que tudo está pagando pelo furo de cima:

Na maior parte das terras portuguezas esse artigo de primeira necessidade tem baixado muito e entre nós e necessario que também baixe.

Vejam isto:

• Em Coimbra, por exemplo, segundo lemos no «Diario de Noticias», do proximo dia 15 em diante será fornecida a carne de vaca de 1.^a qualidade, sem osso a 600 o kilo, e com osso a 480, carne de 2.^a a 550 e 410; de 3.^a entre 220 e 180. Carne de vitela, sem osso, de 1.^a qualidade, a 800 o quilo e com osso a 600; de 2.^a a 700 e 500 e de 3.^a a 300.»

Desejariámos ainda demonstrar com mais dados o caso em questão, mas faltamos o espaço. Fica para a outra vez.

*

O PÃO

No *Diário do Governo* n.º 80, 1.^a série, de 14 de Abril de 1925 foi publicado o Decreto n.º 10.694 do qual extratamos o seguinte:

—Considerado que desde já convém estabelecer o regime de farinhas e pão para os ultimos meses do ano cerealifero, aproveitando a melhoria nas cotações de trigo nas bolsas mundiais:

—Considerado que incumbe ao Estado a defesa do publico consumidor, obrigando fabricar o pão em boas condições quanto a preço e qualidades higiénicas de fabrico.

—Considerado que igualmente se impõe uma mais eficaz rigorosa e intransigente defesa dos legitimos interesses do Estado; Hei por bem etc. decretar o seguinte:

Art.º—O regimen em vigor para os meses de Maio, Junho e Julho corrente ano, com relação aos preços das farinhas e do pão estabelecidos pelo decreto n.º 10.594, de 3 de Março de 1925, é alterado nos termos do presente decreto.

Art. 4.º—Os tipos e preços do pão para a população do país fora dos centros de Lisboa e Porto e respectivos concelhos limitrofes serão estabelecidos de acordo com os hábitos regionais, por proposta dos delegados do governo aprovado pelo Ministério da Agricultura, ouvida a Comissão Reguladora da Compra e Abastecimento de Cereais.

Art. 5.º—Aos delegados do governo, á fiscalização do Ministério da Agricultura e a qualquer outro agente da autoridade cumpre fiscalizar a maior observância deste decreto por parte das indústrias de moagem e panificação, particularmente quanto a preços de farinha e pão,

O art. 2.º fixa o preço das farinhas para o qual é de: farinha de 1.^a, 2836; 2.^a, 1852.

O art. 3.º fixa o preço do pão para Lisboa e Porto:

Luxo, 2870; 1.^a, 2870; 2.^a, 1850.

Art. 15.º—Este decreto entra imediatamente em vigor, excepto quanto a preços de farinhas e pão, que deverão ser observadas a partir de 8 de Maio próximo, e revoga a legislação em contrario.

Teriam as autoridades cá da terra lido este decreto?